

### PERCURSOS DRAMÁTICOS:

Experiência de produção teatral do dramaturgo Benjamim Santos na segunda metade do século XX

Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Pós-doutor UFPI/PPGHB  
franciscoufpi@gmail.com

**RESUMO** - O presente artigo analisa o percurso de produção teatral do diretor, arranjador, encenador, crítico de teatro, escritor e dramaturgo Benjamim Santos, utilizando dispositivos estéticos, resultantes da experiência social que integra a cultura e a memória, tendo neste texto em especial, o enfoque na produção teatral, inscrita no recorte temporal de 1958 a 1970. O trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise da forma é possível a abordagem das cidades nas produções teatrais, os componentes dramáticos, os dispositivos da censura, as táticas que possibilitaram a montagem de espetáculos no período da ditadura militar, as relações mantidas entre dramaturgos, diretores, atores, plateias, censores, os textos teatrais produzidos, dando-lhe, a partir da constituição de uma estética teatral peculiar que denuncia os conflitos e tensões sociais urbanas e suas implicações nas formas estéticas de atuação social, sua militância e participação nos principais movimentos culturais e políticos transcorridos na segunda metade do século XX. A pesquisa filia-se à concepção da Nova História Cultural. Sobre os postulados de Roger Chartier, foram utilizadas duas modalidades que expressaram o sentido dos estudos culturais: *práticas, representações e apropriações*. As práticas são entendidas como cultura objetivada, conjunto de obras, realizações, instituições, inclusive usos, costumes; as representações culturais, como resultado de uma ação mental, espiritual ou ideológica sobre o grupo humano até mesmo no aspecto coletivo, permitindo descrições, narrações, levantamentos, e as apropriações são as formas como os sujeitos recebem a produção cultural. Outra contribuição necessária para realização da pesquisa foi produzida por Peter Burke (2002) e Michel de Certeau (2007), os quais ampliaram o conceito de História e as possibilidades de percebê-la nas diversas formas e relações travadas entre os sujeitos, especialmente nos cenários culturais. No desenvolvimento do trabalho, foi necessário discutir o significado do simbólico, como chave dos fenômenos culturais, já que materializadas no objeto de estudo estão inúmeras expressões do simbólico inseridas no cerne da dramaturgia, como prática dinâmica da conduta humana, investigando seu funcionamento e dando vivacidade e sentido às expressões de uma época, o que se configura como trabalho do historiador para vencer o esquecimento, preencher o silêncio, recuperar os significados das palavras. Para compreender aspectos a obra teatral e seus autor faz-se necessário uma investigação da memória enquanto fonte histórica, tendo em vista que a mesma constitui um recurso através do qual se pode perceber como uma recordação pessoal interage e privilegia elementos com outros sujeitos. As memórias revelam quem somos, integram nosso presente ao passado, tanto na perspectiva de que inventamos um

passado adequado ao presente, quanto o presente é alimentado pelas lembranças do passado e foi produzida por meio da metodologia/técnica da história oral, além do contato com outras fontes como jornais, textos teatrais, fotografias, dentre outros..

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro; História; Memória;  
**INTRODUÇÃO:**

As cidades constituem-se como férteis campos de produção teatral, evidenciando continuamente as experiências dos dramas humanos, das comédias que tornam a vida suportável e mais feliz, os sujeitos históricos que protagonizam a cena na urbe e os cenários que são montados, recriados, adaptados, conforme as circunstâncias sociais, intempéries da natureza e, principalmente, do desejo humano.

A cidade é um palco ao céu aberto. É um dever natural! Na cidade há encontros, desencontros, chegadas, partidas, espetáculos de dor e alegria, realização e miséria, um engenhoso jogo de xadrez, no qual as peças se movem, teatralizando um sofisticado processo de disputas pelo poder, pelo controle, pela administração pública, pelo acúmulo de riquezas, pela violência em um crescente sem precedentes, pela desgraças dos vícios e pela contínua miséria da solidão dos degredados da fortuna.

Escolhemos para analisar o espetáculo protagonizado nas cidade a linguagem do teatro, e em meio a tantos dramaturgos, elegemos Benjamim Santos para protagonizar suas obras artísticas e sua vida, de modo imbricada e relacional.

A preferência do dramaturgo Benjamim Santos e sua relação com as diversas cidades, ocorreu por um motivo singular. Trata-se de um sujeito simulacro, um corpo comunicante de sentidos, um dramaturgo convicto da identidade de pertença a um lugar, que não busca os holofotes ou honrarias, mas que valoriza as cidades onde viveu e produziu as diversas formas de arte, as manifestações culturais e, especialmente, o seu povo. Sua contribuição no campo da cultura é diversificada, abrangente e atemporal, por isso há sérios riscos em identificá-la, analisá-la, enquadrá-la em modelos estéticos, mesmo assim aceitamos o desafio, para fazer justiça histórica e não deixar nas zonas do esquecimento aquele que é digno de nossos mais efusivos aplausos em vida.

O dramaturgo escolhido viveu e produziu artes em diversas cidades brasileiras, além de ter residido em períodos diferentes em Paris, capital da França nos anos de 1980. Essa experiência social contribuiu para descortinar diversas possibilidades de entendimento da cidade, enquanto espaço de consumo. Como caminhante inquieto percorreu as cidades, flanando por elas, respirando seus cheiros, sentindo sua singularidade, seu desenho geográfico, o *modus vivendi*, as formas de resistência dos pobres e opulência das ricas edificações.

Há que se destacar que o próprio dramaturgo, experimentado pela vida e amante da sabedoria, não possui vaidade. Para ele o espírito humano é translúcido e inteligível. Suas amizades contemplam desde os pobres garçons até os influentes juristas e empresários; analfabetos a professores universitários, que colecionam títulos acadêmicos; magarefes, que transportam carnes na cabeça, a herdeiros dos sobrenomes tradicionais da cidade; representantes de toda diversidade de orientação sexual, credos, raças e condição social. A todos respeita e valoriza e aos mais próximos acolhe com um beijo, como gesto de ternura e carisma. Entretanto, não é fácil conquistar seu afeto, pois Benjamim escolhe com critério aqueles a quem convida para frequentar sua casa e o seu coração.

Em sua trajetória de vida, foi colocado defronte dos maiores dramaturgos e artistas do Brasil de sua geração, como Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho, seus mestres e amigos de uma vida, do período que residiu na cidade do Recife.

Sua história de vida é um testemunho do **direito à cidade**, que deve ser compartilhado por todos e a todos possibilitar a unidade, a harmonia e a vivência dos bens culturais. A cidade do Recife é honrada com sua contribuição para a dinamização cultural, para a serenidade dos espectros que habitam ruelas e becos antigos, reclamando seu nome na história, e para singularizar os colaboradores de uma nova ordem social, mais justa e democrática.

Demais cidades que também fazem parte de sua inserção no campo artístico são problematizadas. Suas histórias tornam-se dramaturgia e encenação. Parte dos seus repertórios é recepcionada pela crítica dos jornais, pelo diálogo pós-espétaculo, pelo

cotidiano refletido em gestos evocados e falas pronunciadas em tom teatral e na mudez das consciências transformadas. Dessa forma, o teatro cumpre seu papel nas cidades, sendo nelas encenado e delas se alimentando continuamente.

### **O cidadão das cidades teatrais**

Benjamim nasceu na cidade de Parnaíba em 04 de julho de 1939, filho de Neusa da Fonseca Lima e Benedito dos Santos Lima. Na infância, recebeu significativa influência artística e cultural da estética do teatro mambembe ou nas residências, das encenações nas igrejas ou nas escolas, mas também do circo itinerante, do bumba-meu-boi, da música popular e pela produção literária dos almanaques da Parnaíba, sendo que seu pai –Benedito dos Santos Lima, conhecido pelos amigos como Bembém- foi fundador e editor daquele periódico durante as primeiras décadas do século XX.

Foi na infância acometido pela paralisia infantil, que lhe deixou sequelas na perna direita, o que, nos últimos anos, provocou diversas quedas e a necessidade de submeter-se a algumas cirurgias ortopédicas. Estes episódios fizeram com que ficasse cada vez mais recluso em sua residência, à Avenida Getúlio Vargas, no centro de Parnaíba. Mesmo assim, não nega ajuda aos estudantes de ensino básico, de graduação e pós-graduação, que, em suas pesquisas sobre temas diversos, especialmente, sobre história e cultura de Parnaíba, batem à sua porta ou telefonam para ele.

Sobre seu genitor – Benedito dos Santos Lima - e contribuição no cenário cultural parnaibano, o historiador Josenias dos Santos Silva explica que:

Um dos fatores que contribuíram para o sucesso dessa empreitada editorial de Benedito dos Santos Lima, ao lançar, aprimorar e manter a regularidade da publicação do *Almanack da Parnahyba*, foi justamente a existência de uma gama considerável de casas comerciais e pessoas dispostas a pagar por anúncios publicitários. É o caso, por exemplo, das empresas de navegação Rossabach Brazil, Booth & Co. Ltd, Werner Schluempmann, Lloyd Brasileiro, etc. e das famílias Clark? (inglesa) e Jacob (francesa), donos da Casa Inglesa e da Casa Marc Jacob, respectivamente; além de outro grande número de empresas

nacionais que logo aderiram ao marketing publicitário do Almanack. (SILVA, 2014, p. 83)

Sua itinerância pelas cidades históricas começa aos 18 anos, quando Benjamim Santos mudou-se para Recife, onde estudou direito na famosa Faculdade de Direito - celeiro intelectual suntuoso - localizado no centro histórico daquela cidade, porém não concluiu o curso. Mudou-se para Olinda, com o objetivo de estudar Filosofia, no Seminário Regional do Nordeste, onde foi aluno de Ariano Suassuna, a quem sucedeu como professor na cadeira de Estética, por indicação do próprio mestre Suassuna. No Seminário de Olinda, iniciou a carreira de diretor, tendo dirigido os seguintes espetáculos: *Crime na Catedral*, de Eliot e *Quase Ministro*, de Machado de Assis.

Ainda no Seminário, constituiu-se como dramaturgo, ao redigir seus primeiros textos de espetáculos e shows teatrais. Em Recife, Benjamim Santos fez parte de importantes grupos e movimentos culturais em finais dos anos de 1950 e começo da década de 1960, culminando com o processo de modernização do teatro nordestino, inserindo-se no grupo denominado por alguns estudiosos da dramaturgia como *Geração de 65*. Também criou um grupo denominado Construção, que montou o Espetáculo *Cantochão*, sob sua direção.

*Cantochão* pode ser entendido como espetáculo caracterizado como “teatro engajado”, problematizando os conflitos sociais, as disputas de poder, a tomada de consciência da realidade por meio do teatro, da interação dialógica. A proposta dramaturgica assemelhou-se ao show *Opinião* que foi montado na cidade do Rio de Janeiro, com participação de Nara Leão, Zé Ketí e João do Vale.

Vale ressaltar que as instituições formativas de ensino superior (laicas e eclesiais) frequentadas por Benjamim em Pernambuco, agregando saberes à sua base cognitiva, constituíam, na primeira metade do século XX, os grandes centros formadores dos intelectuais do Nordeste Brasileiro, notadamente das classes abastadas do Estado do Piauí e das famílias ilustres de Parnaíba. O desejo de ter um filho “doutor” e outro sacerdote era recorrente nas predileções familiares, como forma de prestígio social. No caso de Benjamim, a escolha foi sua e nenhuma das opções o seduziu.

Preferiu fazer teatro, jornalismo e literatura. Tornou-se um dramaturgo fortemente influenciado pela estética do teatro nordestino, sem esquecer Parnaíba, a cidade que continuou a inspirar sua produção dramaturgica, como se pode notar na carta enviada a Tarciso Prado, seu amigo de infância, que residia em Parnaíba:

Assim é que tenho vivido, meu amigo. Meio só. Acabrunhado, às vezes. Tentando fazer uma literatura que se torna cada dia mais difícil, principalmente agora, que “ficou chato ser moderno”, agora que parece difícil ser simples, emotivo, e talvez nem haja mais lugar para a sensibilidade. Bem, tenho escrito alguns contos e uns poemas, além de uma peça (1 ato) que já está pronta, que trata sobre que(sic) questões de armamento nuclear (uma bomba atômica cai em Parnaíba e, não explodindo, deixa no povo a esperança de tornar-se assim mais uma das grandes potências nucleares do mundo). Veja você [...] (SANTOS, 25. Abr., 1967, apud. CAVALCANTE JUNIOR, 2014, p. 2)

Em Recife, Benjamim inventou-se como homem do teatro, desenvolvendo uma subjetividade arrojada, inquietante, sensível, mas também engajada nas questões sociais, transformadora. Por isso, dentre diversos trabalhos, foi colaborador do Projeto de Educação de Jovens e Adultos, idealizado pelo professor Paulo Freire, atuando no Departamento de Extensão Cultural da Universidade de Pernambuco, antes da deflagração do Golpe Civil Militar em 31 de março de 1964. Com a Ditadura Militar, os idealizadores da *Pedagogia da Libertação* e da *Pedagogia do Oprimido* foram exilados, e Benjamim tornou-se alvo dos militares, até que mudou de residência para o Rio de Janeiro, após a promulgação do Ato Institucional Nº 05, em 1969.

Em Pernambuco, Benjamim Santos também montou diversos espetáculos teatrais e shows musicais, atuou no TPN (Teatro Popular do Nordeste), auxiliou o consagrado teórico do teatro, Hermilo Borba Filho e conviveu com Leda Alves, esposa de Hermilo, e diversos outros atores pernambucanos. Vale ressaltar que as principais influências teatrais de Benjamim Santos foram a proposta de encenação elaborada por Hermilo Borba Filho e a dramaturgia de Ariano Suassuna, integrando-se ao projeto de criação e renovação de um teatro nacional, que tinha o Nordeste como enfoque central. Participou, assim, de uma experiência de geração, explicada por Gilberto Velho, em que

os sujeitos sociais “transitam entre os domínios do trabalho, do lazer, do sagrado etc., com passagens, às vezes, quase imperceptíveis. Estão na intersecção de diferentes mundos [ ... ], em função de um código relevante para suas experiências.”(VELHO, 1994, p. 17).

Como assistente de direção de Hermilo Borba Filho, ajudou a montar os espetáculos *O Inspetor*, de Gogol; *Um inimigo do Povo*, de Ibsen; e *o Santo Inquérito*, de Dias Gomes. Logo depois dirigiu dois espetáculos para o grupo: *Antígona*, de Sófocles, que teve a tradução do seu amigo Ariano Suassuna, e *Andorra*, de Max Frish. Naquele período também dirigiu os shows de música popular com cantores de Recife, com destaque para Paroli, Paroliado, com Zélia Barbosa e Carlos Reis.

Na década de 1960, Benjamim Santos atuou também no jornalismo, escrevendo as críticas de teatro na coluna cultural do Jornal do Comércio de Pernambuco. Por meio de suas críticas, é possível cartografar as montagens de espetáculos de Recife, as peças, cenários, autores, atores e atrizes, as representações e a estética da recepção. O período em que esteve atuante na crítica teatral foi fértil e possibilitou uma série de aprendizados. Seus principais textos, publicados anteriormente nos jornais, foram inseridos em um livro intitulado pelo autor como *Conversa de Camarim*.

O período de maior pujança da produção teatral de Benjamim aconteceu no Rio de Janeiro, na década de 1970, motivo pelo qual recebeu diversos prêmios, pelo menos os mais importantes da década, inserindo-se assim no cenário teatral nacional. Foi na cidade do Rio de Janeiro que dirigiu artistas como Elba Ramalho, Zélia Barbosa, Verônica Sabino, Kleiton e Kledir, Ângela Maria, Nara Leão, MPB-4, Grande Otelo, João Bosco, Marlene, Elke Maravilha, Stepan Necessian, Ademilde Fonseca, Carmem Costa, Conjunto Coisas Nossas, Dominginhos, Francis Hime, Henrique Cazes, Márcia Cabral, Maria Lúcia Godoy, Miltinho, Miúcha, Olívia Hime, Roupas Nova, Tânia Alves, Wanderley Cardoso, Geraldo Azevedo, Cristina Buarque, dentre tantos outros.

Dentre os vários livros de que é autor, destacam-se: *Auto de Santo Antônio* (Editorial Paulinas); *Sedução de Paris* (Editora Gryphus); *Paixão de Cristo* (Editorial

Paulinas); *Hemingway e Paris* (Editora Gryphus); *Conversa de Camarim* (Fundação Casa da Cultura do Recife).

Benjamim possui também textos inéditos sobre a História do Teatro Infantil brasileiro e diversos espetáculos, romances, escritos com habilidade e clareza, que lhe são peculiares. Para ele é necessário contemplar o entendimento dos leigos e doutores no ofício das letras.

Benjamim Santos consagrou-se como um dos integrantes da renovação do Teatro Infantil vivenciado no Rio de Janeiro, durante a década de 1970. Foi um movimento renovador do teatro que se fazia até então e que era dominado, em grande medida, por autores como Maria Clara Machado. Durante duas décadas foi protagonista desse movimento, ao lado de Sylvia Ortof, Ylo Krugli, Maria Lourdes Martini, Bia Bedan, Maria Lúcia Lacerda.

Sua produção dramática recebeu inúmeras críticas favoráveis, dentre as quais da consagrada escritora e crítica de teatro Ana Maria Machado, que posteriormente se tornou sua amiga e incentivadora no movimento de modernização do teatro infantil brasileiro. É da autora a afirmação de que “Benjamim era o Ariano Suassuna do Teatro infantil”. Mesmo fora das rodas sociais e do circuito cultural do Rio de Janeiro, Benjamim Santos é lembrado com admiração, pela qualidade de seus textos e pelo profissionalismo que caracterizaram sua atuação no teatro.



Ana Maria Machado e Benjamim Santos  
Fonte: Acervo pessoal de Benjamim Santos

A produção dramaturgicamente de Benjamim foi bastante premiada. Foram seus principais destaques: *Senhor Rei*, *Senhora Rainha*; *Os Três Mosquiteiros*; *Viagem Sideral*; *O Castelo das Sete Torres*; *A Loja das Maravilhas naturais*; *A Donzela Foi à Guerra*; *O Pavão Misterioso*; *O Príncipe do Piauí*; *A Princesa do Mar sem Fim*. A respeito desse último espetáculo, afirma Ana Maria Machado:

Poucos espetáculos para crianças têm a carga de brasilidade que apresenta a *Princesa do Mar sem-fim*. O texto se inspira na poesia popular dos folhetos de cordel nordestinos e tem a marca de boa qualidade que caracteriza toda a obra escrita de Benjamim Santos, assinalada pela poesia e pelo indiscutível domínio das ferramentas verbais. Cenicamente, esta é a montagem que há anos Benjamim devia ao público, sempre tendo que se contentar com uma produção bem inferior ao texto. Agora as coisas mudaram. Marcações criativas, música ao vivo de nível, elenco seguro se somam à riqueza da palavra e à intensa beleza visual das máscaras de Marie Louise Nery e do cenário de figurinos de Kalma Murtinho para criar um delicioso momento teatral. Com sabor de Nordeste e cheiro de povo. Com acabamento artesanal, no melhor sentido do termo. Com inventiva e respeito à criação popular. Com ingenuidade e engenho. Sobretudo, com talento e respeito pela criança e pela cultura brasileira. Um espetáculo a ser visto com carinho. (MACHADO, 1978)

Durante sua permanência no Rio de Janeiro, mesmo com um clima de conflitos permanentes e tensões que respingavam de diversas formas nos palcos da cidade maravilhosa, o Rio não perdia seu encanto, sua sedução, o fascínio que envolvia os que lá moravam e por lá passavam. “O Rio de Janeiro continua lindo”, como afirmou o poeta.

Parnaíba, Recife, Rio de Janeiro são cidades que constituem os cenários teatrais, representados em sua imensa texturologia, “uma cidade-panorama é um simulacro teórico (ou seja, visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas”. (CERTEAU, 2007, p. 171).

As cidades, dessa maneira, indicam formas de linguagem, numa relação dialógica, pois o observador também interage intervindo no espaço e construindo sensações, como forma de sentir os objetos, formas e significados, seus efeitos internos, e as percepções elaboradas e gerenciadas conscientemente.

As cidades, na obra do dramaturgo Benjamim Santos são essenciais, pois oferecem possibilidades para entendimento das subjetividades, das sensibilidades, das flâncias do artista, dos lugares que frequentou, das pessoas com as quais conviveu, das influências estéticas e das manifestações políticas vividas em cada lugar, dos acontecimentos que singularizaram cada encontro ou partida, as práticas, representações e apropriações, conforme explica o teórico francês Roger Chartier.

Ainda vivendo no Rio de Janeiro, nas décadas de 1980 e 1990, o dramaturgo elaborou diversas peças teatrais, que foram montados ao ar livre, nos Arcos da Lapa, no Largo da Carioca, na Cinelândia, na Praia de Copacabana e em vários outros pontos da cidade: *Paixão de Cristo*; *Auto de São Sebastião*; *Auto de Corpus Christi*; *Auto de Natal*; *Revista Proclamação da República*; *Auto do Frei Galvão*; *Auto de São Francisco*; *Sonata de Santa Cecília*; *Domingo de Ramos*; *A Revolução Francesa*; *Romance de São Jorge*... Pelo conjunto da obra, de significativa conotação religiosa, tendo sido montado pelo diretor de teatro Ginaldo de Sousa, Benjamim Santos recebeu o Prêmio Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, entregue pelo representante da Arquidiocese do Rio e Janeiro.

Na década de 1990 apaixonou-se por outra cidade, que possuía certa vinculação à cidade onde nasceu, e de onde ouviu falar do vice-consulado francês, dos empreendimentos da família Marc Jacob e das empresas de comércio, de autores da literatura francesa, dos grandes escritores, dos heróis e heroínas, a exemplo da Santa Joana Darc, que o inspiraram a escrever biografias, como de Ernest Hemingway, e uma extraordinária análise da cidade, intitulada *Sedução de Paris*. O lançamento aconteceu no centro cultural de Ipanema. O prefácio da obra foi feito por um representante do consulado francês Romaric Sulger Büel, que, juntamente com sua família, fez-se presente na cerimônia de lançamento.



Romaric Sulger Büel e Benjamim Santos  
Fonte: Acervo pessoal de Benjamim Santos

Paris foi sua nova grande paixão urbana. Uma cidade de fascínios históricos, elegantes edificações, museus, palácios, avenidas, por onde passaram exércitos gloriosos e combalidos soldados derrotados, que testemunharam as glórias napoleônicas e a invasão dos nazistas, uma cidade de muitas histórias, movimentos artísticos de vanguarda, universidades famosas, personagens e ensinamentos, cosmopolita e tradicional, que despertaram em Benjamim Santos profunda identificação.

Nos anos 2000, Benjamim regressou à cidade de Parnaíba, sua cidade natal, depois de quase 30 anos distante do cenário parnaibano. Logo no começo da década, conheceu os jovens e veteranos atores da cidade. Havia os grupos de teatro Metáfora, Grupo TECO do Colégio Objetivo, Grupo Garatuja, J. W. Produções, Cia Vector de Espetáculos, Trupe Skene, TACS, PES (Perseverantes do Espírito Santo), dentre outros. Muitos atores eram amadores e tiveram a iniciação do teatro nas escolas ou por intermédio do SESC (Serviço Social do Comércio), que mantém um setor de expressões artísticas, que elabora projetos financiados pela coordenação nacional de teatro da entidade, com o objetivo de proporcionar a montagem de espetáculos, oficinas, palestras e cursos de formação de atores, nas capitais e principais cidades dos estados brasileiros.

Depois que voltou a morar na Parnaíba, onde chegou no ano 2000, Benjamim Santos foi criador e curador do Museu do Trem do Piauí, na Parnaíba, em 2002; criador e curador da exposição Viva meu Boi de São João, no SESC Avenida, em 2007; foi homenageado pela Prefeitura Municipal de Teresina, através da Fundação Monsenhor Chaves, que deu seu nome ao Concurso Nacional de Monólogos de 2005, com o Prêmio Benjamim Santos; montou a Exposição Benjamim Santos - 40 anos de teatro Profissional, na Casa da Cultura, de Teresina, organizado pela Fundação Monsenhor Chaves, no período de 5 a 10 de julho de 2005.

Ao chegar à cidade, Benjamim Santos envolveu-se profundamente com a “cultura popular”, colaborando na realização de folguedos juninos, festas de carnaval na avenida, elaborando de forma colaborativa os regulamentos, concursos, critérios avaliativos, coordenando reuniões com os mestres da cultura popular, dentre outras providências. Também por sua iniciativa, fora criada uma liga de bois, associação de quadrilhas juninas, com regimento próprio e razão social, objetivando a captação de recursos de editais públicos e patrocínios privados.

Atendendo ao convite do médico Paulo Eudes Carneiro, então prefeito da cidade (2001-2004), trabalhou como assessor técnico da Secretaria de cultura de Parnaíba, tendo inclusive assumido a pasta como secretário municipal por alguns meses, período em que idealizou o Projeto Tenda Rock, que congregou as bandas de rock de jovens e veteranos artistas, a parir de uma enorme tenda montada na praça do Trem, com arquibancada e palco para apresentações musicais. Por lá passaram bandas locais, regionais e nacionais, além de apresentação de músicos e cantores que seguiram carreira solo. Foi um período profícuo de divulgação das bandas e artistas locais, estímulo a organização de bandas das escolas, pois havia onde se apresentarem, realização de festivais de música, encontro de bandas etc.

Talvez as principais contribuições tenham sido a curadoria, a idealização e criação do Museu do Trem de Parnaíba, inaugurado em 2002, reunindo um acervo amplo, numa antiga edificação que pertenceu à Estrada de Ferro do Piauí. Fizeram parte do acervo uma grande quantidade de fotografias, objetos de memória, aparelhos

telefônicos, capacetes, roupas, sinos, taquígrafos, faróis, relógios de parede e outros objetos que são encontrados nas dependências do museu. Para a historiadora Leda Rodrigues Vieira,

No acervo material deste museu, podemos encontrar um aparato completo que auxiliava os operários e passageiros da ferrovia como uma estação de passageiros, pátio de manobra, inspetoria de transportes e comunicação, arquivo, almoxarifado, posto médico, tipografia e uma oficina de manutenção das linhas férreas, da locomotiva, dos vagões, locomóveis, gôndolas, trollers, etc. Além de fotografias que retratam a história da ferrovia (do primeiro engenheiro, Miguel Furtado Bacelar, das antigas locomotivas, de operários, do universo do trabalho, etc.) e equipamentos de apoio da estação e dos funcionários (relógios, cadeiras de passageiros, telefones, carimbos, alicates perfuradores de passagens, carregador de bateria, relógio de pressão, tacógrafo de locomotiva, máquinas de calcular, dentre outros). (VIEIRA, 2009, p. 9)

Outro destaque para atuação de Benjamim Santos na cidade de Parnaíba foi a curadoria e organização do **Jardim dos poetas**, edificado no centro histórico de Parnaíba, onde funcionou o antigo terminal de ônibus. Dentre os principais destaques do Jardim há uma mureta central em forma de onda, onde constava uma frase do poeta parnaibano Alcenor Candeira “Parnaíba não é uma palavra fluvial a martelar-me a memória, é uma cidade inteira dentro de mim [...]” (CANDEIRA, 2014, p.10)

Também havia, no jardim, o histórico dos principais poetas que viveram na Parnaíba, dados biográficos, fragmentos de poesias, identificação das escolas literárias às quais estavam inseridos. Tudo grafado em placas metálicas, localizadas em pilastras, sombreadas por ipês de diferentes cores. Infelizmente o Jardim dos poetas fora esquecido pelo poder público municipal, como medida política sucessória e aniquiladora da memória dos antecessores, muito comum no Brasil “republicano”.

A sensibilidade artística de Benjamim Santos vai além das edificações, dos marcos históricos da memória e atinge zonas profundas da sensibilidade humana. Sua vida e sua arte são testemunhos da capacidade de superação do espírito humano, da

mudança pela arte, dos laços afetivos que podem unir pessoas e projetos, contribuir para transformar sonhos em realidades.

No ano de 2006 foram montados diversos textos de Benjamim Santos, pelos grupos da cidade, sendo que o dramaturgo foi homenageado no festival realizado na cidade de Teresina, capital do Estado, e no Projeto do SESC Palco Giratório: leituras em cena. Sobre os objetivos do projeto e sua relevância, Maron Emile Abi-Abibb, diretor geral do departamento nacional do SESC expõe que:

No âmbito da cultura o SESC apoiou projetos capazes de contribuir com o enriquecimento intelectual dos indivíduos, dotando-os de consciência mais ampla a respeito de seu papel no mundo, independentemente de suas condições de origem e formação. Circulando por várias cidades, nas capitais e no interior, o projeto promovendo acesso a espetáculos de qualidade, em diferentes gêneros: dança, teatro e circo. Além disso, colabora para a divulgação do trabalho de profissionais provenientes de todo o país e gera emprego para os inúmeros trabalhadores que atuam no circuito. (ABI-ABIB, 2014, p. 5)

Naquele ano, por iniciativa do setor de expressões artísticas do SESC Piauí, alguns textos do teatro infantil de Benjamim foram escolhidos para as leituras encenadas, nas cidades de Parnaíba, Teresina e Floriano. O prof. Dr. Djalma Türler, da Universidade Federal da Bahia e o prof. Dr. Francisco Nascimento da Universidade Federal do Piauí analisaram algumas peças infantis, realizaram entrevistas, ministraram oficinas e palestras aos atores, professores e estudantes, tendo como enfoque principal a cartografia do autor, a dramaturgia e a montagem das leituras encenadas.

Benjamim Santos manteve também, durante algum tempo, um blog, que está desativado, porém seu trabalho de escritor é constante. Publica mensalmente o jornal cultural *O Bembém* – periódico enfoca aspectos culturais, cinema, teatro, literatura, música, além de analisar os diferentes problemas sobre a cidade de Parnaíba, como as questões de patrimônio cultural, das políticas culturais, denunciando práticas de destruição e abandono dos espaços públicos, sensibilizando as autoridades para o investimento na educação patrimonial, como forma de conviver com as temporalidades

históricas da cidade. O poeta Diego Mendes Sousa, que também foi um dos seus idealizadores, analisa o periódico da seguinte maneira:

**O Bembém** deu alma nova ao Piauí literário. Partindo do princípio da universalidade de uma complexidade particular, **O Bembém** é um periódico mensal que canta a sua origem simbólica sem deixar de ser autêntico em seu projeto arrojado de literatura de amplitude mundial. (SOUSA, 2013).

No mesmo periódico, assinando coluna denominada memorial, analisa diferentes espaços da cidade, como praças, igrejas, escolas, mercados etc, com o claro objetivo de que conheçamos a história da cidade, dos homens e mulheres que nela viveram e vivem. Sua iniciativa recebeu colaboração de estudantes e pesquisadores, como Iweltman Mendes Vasconcelos (*in memoriam*), a quem lamenta que a cidade tenha esquecido. Também escrevem periodicamente para o Bembém o professor Idelmar Cavalcante da UESPI, com suas saliências bem escritas e eivadas de vitalidade poética, Dr. Frederico Osanan da UFPI, o Prof. M.Sc. Josenias Silva da Faculdade Internacional do Delta, a Professora Sóliman Genuina e diversas outras pessoas.

Para conhecer melhor a vida e trajetória cultural de Benjamim, foi organizado, na cidade de Parnaíba, um memorial que recebe seu nome, instalado no SESC da Avenida Getúlio Vargas, reunindo peças de teatro, críticas, prêmios, troféus, cartazes, documentários, entrevistas, fotos, discos, cartas, poemas, livros de memória, entrevistas concedidas ao longo da vida, coleção do Bembém. A leitura de suas obras e a visualização de seu acervo imagético e literário possibilitará maior aprofundamento sobre sua relação com o teatro da cidade de Parnaíba.

Benjamim Santos, como homem, memória e sujeito propósito de muitas pesquisas, tornou-se um meio pelo qual podemos entender diferentes processos históricos, vivenciados em Parnaíba, no Nordeste e no Brasil. Por tudo isso, já se tornou objeto de tese de pesquisadores da ciência histórica e do teatro. Francisco Nascimento defendeu em 2009, na Universidade Federal Fluminense (UFF), sua tese de doutorado intitulada “O Teatro dialógico de Benjamim Santos: incursão pela história e memória do

teatro brasileiro”. Idelmar Gomes Cavalcante também pesquisa a trajetória do dramaturgo nos anos 1960 no Recife, para defender tese de doutorado em História, na Universidade Federal do Ceará (UFC). O pesquisador parnaibano Wesley Fontenele está concluindo o curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), abordando em artigos científicos a obra teatral de Benjamim Santos, de modo particular, a produção do teatro infantil. A Professora Cristiane Pinheiro analisa a produção literária do dramaturgo em sua tese de doutorado na área de História da Educação na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Para concluir, pelo menos provisoriamente, é possível afirmar, com certo cuidado de intérprete de fontes, que uma das maiores declarações de amor de Benjamim pela cidade é o espetáculo *Parnaíba, ailoviú*, espetáculo que foi escrito e dirigido por ele, com atuações dignas dos melhores elogios dos atores Marcus Petrarca e Verônica Damasceno. Trata-se de uma narrativa com fatos históricos e ficcionais que se entrecruzam, dando vida e voz a personagens, como Simplício Dias da Silva, sua esposa, uma viagem homérica para levá-la de Portugal a Parnaíba, os heróis parnaibanos que proclamaram a Independência do Brasil no Piauí, as danças do bumba-meu-boi etc.

*Parnaíba ailoviú* é antes de tudo uma canção de amor a Parnaíba, apresentando nos palcos sua história gloriosa e dos “vencidos”, seus vultos exaltados e dos sujeitos esquecidos, daqueles cujos corpos inertes repousam nas frias lápides de mármore da catedral da Graça e daqueles que ao morrer eram levados em caixão de madeira reaproveitando, sendo os corpos jogados numa vala coletiva, enquanto que os caixões voltavam para a Igreja do Rosário dos pretos; trata dos heróis e suas façanhas, mas também dos sujeitos marginais, como as escravas, que eram jogadas em covas de onças para entretenimento, alimentando as lendas sobre a cidade, os eventos históricos que em Parnaíba foram protagonizados, apresentados pelo viés da cultura, ressaltando que, mesmo uma história considerada tradicional, pode ser eivada de subjetividades, de sentimentos, de sensibilidades, de emoção, de amor, portanto, de arte.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABI-ABIDD, Maron Emile. **Palco Giratório**: circuito nacional do Sesc. Rio de Janeiro: Departamento Nacional, 2013

ANDRADE, Samara. Libertamos o gigante: e abrimos o baú de história do teatrólogo de Benjamim Santos. **Revista Revestrés**. Teresina, Piauí, vol, p.8-18, jul-ago, 2012.

CANDEIRA FILHO, Alcenor. **Parnaíba**: meu universo. Parnaíba: Sieart, 2014.

CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. A Besta Confusa: Benjamim Santos e a História de uma ousadia não realizada no Teatro pernambucano. **Anais**. VII Simpósio Nacional de História Cultural, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13. ed. trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MACHADO, Ana Maria. Novidades Muito Boas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro: Caderno de Teatro, 1878

SOUSA, Diego Mendes. **Depoimento** concedido pelo aniversário do Bembém. Abr. 2013.

SANTOS, Benjamim. **Parnaíba ailoviú**. Estreia em dezembro de 2006. [Manuscrito].

SILVA, Josenias dos Santos. Almanack da Parnahyba: política, sociedade e cultura em revista. In: SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de; LIMA, Frederico Osanan Amorim. **Parnaíba**: a cidade que nos habita. Parnaíba, Sieart, 2014.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIEIRA, Leda Rodrigues. Cidade ferroviária: História e memória da ferrovia piauiense na cidade de Parnaíba, 1916 a 1930. **Anais**. XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH. Fortaleza, 2009.